

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	CÓDIGO DA FICHA					
	ES	01	02	14	F1	A3
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Espírito Santo
LOCALIDADE	Sul
MUNICÍPIO / UF	Vargem Alta/ES

2. RELAÇÃO DOS BENS**2.1. CELEBRAÇÕES**

DENOMINAÇÃO	Festas Juninas (Santo Antônio, São Pedro e São João)			IDENTIFICADO	
				☐ SIM	☒ NÃO
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Dias 13, 22 e 29 de junho	LUGAR	Vargem Alta, Comunidade Quilombola de Pedra Branca	
DESCRIÇÃO	Segundo a Sra. Amélia Santos da Cunha, as festas juninas eram as principais celebrações realizadas na antiga Comunidade de São Pedro, atualmente denominada Comunidade Quilombola de Pedra Branca. Nessas ocasiões os moradores da região armavam uma grande fogueira, ao redor da qual construíam fornos de barro para o preparo de alimentos. As festas eram animadas com a realização de rodas de jongo e caxambu, na qual homens e mulheres tocavam tambores de diversos tamanhos, cantavam os “pontos” de jongo e dançavam umbigadas vestidos com trajes especiais, feitos de sarja, no caso dos homens, e de chitão, no caso das mulheres. Os festejos começaram no início da noite e varavam a madrugada. Os moradores de diversas idades participavam, assistindo ou cantando e dançando ao som dos tambores e cânticos entoados. Havia grande envolvimento da comunidade local, que doava alimentos fruto dos trabalhos de plantio e colheita para subsistência. Animais eram sacrificados para o preparo de pratos como a “vaca atolada”, feita com mandioca e carne de porco, ou churrascos em grandes espetos de ferro. Pães, bolos, roscas e biscoitos eram oferecidos aos participantes e visitantes, contribuindo para o caráter comunitário da prática. As festas juninas ainda são comemoradas na região da Comunidade Quilombola de Pedra Branca, mas suas características foram completamente alteradas, restando apenas a fogueira e o erguimento do mastro em homenagem a São Pedro. Atualmente as manifestações culturais associadas à celebração ligam-se à cultura de massas, como os forrós e apresentações de duplas sertanejas. Segundo Amélia Santos da Cunha, a saída de muitos descendentes dos pioneiros e a morte dos antigos praticantes levou ao desaparecimento das configurações originais das celebrações.				
REGISTROS	-			Nº	-
CONTATOS	Dona Amélia Santos da Cunha			Nº	1

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	ES	01	02	14	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

2.2. FORMAS DE EXPRESSÃO

DENOMINAÇÃO	Caxambu de Memória da Comunidade Quilombola Pedra Branca			IDENTIFICADO	
				☒ SIM	☐ NÃO
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR	Vargem Alta, Comunidade Quilombola de Pedra Branca	
DESCRIÇÃO	A região onde hoje se encontra localizada a Comunidade Quilombola de Pedra Branca foi ocupada por escravos saídos das fazendas Pedra Branca, São Pedro e Prosperidade por volta de 1886. Durante o século XIX foram inúmeras as tentativas de fuga de escravos das fazendas de café da região, dando origem a comunidades formadas por ranchos que abrigavam famílias inteiras. Na época da ocupação e durante muito tempo as terras habitadas pelos ex-escravos foi chamada de São Pedro. Nesse local eram organizados festejos em homenagem a santos como São Pedro, Santo Antônio, São João, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Nesses festejos os membros da comunidade se reuniam para tocar o Caxambu e cantar e dançar o jongo. As rodas eram formadas em volta de uma grande fogueira, que iluminava o local na ausência de energia elétrica. Fornos de barro eram confeccionados para o preparo de alimentos como broas, biscoitos e beiju. As famílias das comunidades da região se deslocavam para a região de São Pedro para participarem dos festejos, que duravam vários dias. Muitos dos cantos e toques eram preparados com antecedência para a apresentação nos festejos. Nessas ocasiões eram praticadas as chamadas “amarrações”, cânticos cifrados que remetiam a fatos do cotidiano local. Os integrantes que não conseguissem “desamarrar” os jongos eram obrigados a permanecerem fora da roda até que alguém o “desamarrasse”, permitindo a volta à roda. Erguia-se, também, um mastro em homenagem a São Pedro. Os festejos nos quais se praticava o Caxambu eram integrantes do calendário religioso da comunidade, possuindo grande centralidade cultural para os moradores locais. Durante o século XX a comunidade formada pelos negros saídos do cativeiro passou por grandes mudanças, observadas principalmente a partir da década de 1970. Dona Amélia Santos da Cunha, moradora mais antiga da comunidade, afirma que travou contato com a prática ainda criança, através de seus pais, que participavam das festividades. Seu pai, Jeremias Vitor dos Santos, era tocador de tambor nas festividades. Ela afirmou que o processo de saída dos moradores rumo a cidades maiores levou à perda de parte da identidade local, processo reforçado pela chegada de novos moradores que não possuíam relação com os ocupantes originais da região conhecida como São Pedro. A morte dos praticantes mais antigos dos jongos e Caxambus também prejudicou a manutenção da manifestação cultural, que deixou de ser realizada ainda na década de 1980. Recentemente, com o reconhecimento oficial da região como Comunidade Quilombola, o local teve sua denominação modificada para “Comunidade de Pedra Branca”. O processo de urbanização também modificou sensivelmente as características culturais da localidade. Atualmente a Comunidade Quilombola de Pedra Branca sobrevive das atividades agropecuárias e da extração e mármore. Os índices de escolaridade são baixos, com cerca de 60% da população com escolaridade apenas de nível fundamental. O Caxambu, atualmente, passa por processo de tentativa de revitalização por parte da Associação Quilombola da Comunidade Pedra Branca, que realiza trabalho junto às instituições escolares próximas para resgatar o sentimento de pertencimento ao legado da cultura negra. A despeito disso, Dona Amélia afirma que os mais jovens não se preocupam com os saberes antigos, dando maior importância às manifestações culturais contemporâneas, fortemente permeadas pela cultura de massas. Os forró são os eventos mais frequentados na localidade e, segundo a moradora, atraem muitas pessoas de fora, que às vezes consomem grandes quantidades de bebidas alcoólicas e se envolvem em brigas. Tal fato leva muitos dos moradores a não frequentarem os festejos públicos. Contribui também para a esta evasão o fato de muitos dos moradores locais serem evangélicos e demonstrarem certo preconceito com as manifestações culturais não integrantes do culto neopentecostal.				
REGISTROS	-			Nº	-
CONTATOS	Dona Amélia Santos da Cunha			Nº	1

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	ES	01	02	14	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

3. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Bianca Pataro Dutra, Raul Lanari, Mariana Gonçalves Moreira e Guilherme Reis		
SUPERVISOR	Mariana Gonçalves Moreira		
PREENCHIDO POR	Raul Lanari	DATA 20/07/2014	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Ana Carolina Vaz Mariana Gonçalves Moreira		